								Áreas de	Uso Especial			Áreas Frágeis	Área de Ins			Ambiente		Bac	ias Hidrográfica	ıs						Licenci	amento
Duntata	Fire	Bioma	_	Cossistema	Unidade de	Unidades de	Conservação			Áreas Prioritá	irias	Desertificação	Proje	eto													
Projeto	Eixo	Бют		cossistema	Relevo	proteção integral	uso sustentável	Terras Indígenas	extremamente alta	muito alta	alta	ocorência / susceptibilida de	rural	urbana	estado de conservação sem o projeto	efeitos no meio sócio-econômico	efeitos no meio bio- físico	bacia/sub- bacia	Focos relevantes de poluição e contaminaçã o das águas	conflito de uso	grau de viabilidade ambiental stricto sensu	condição de operação	medidas	estimativa \$ da participação dos Programas	grau de viabilidade ambiental	Federal	Estadual
UHE MAUA rio Tibaji (Ortigueira Curiuva-7 388 MW	s Sul l	Mata Atlâi	tica M	resta Ombrófila Ilsta (Mata de Araucária)	Depressões Sculpidas em Borda de Bacias Sedimentares			Tibagy/Mococa (4 km)			Alto-médic río Tibagi / Alto río Iguaçú		x		Ortigueira e Curiúva - Pressão Antropica alta e saneamento ruim Telémaco Borba - Pressão Antropica alta e saneamento bom	possiblidade de perda de áreas agriculas/húcleos residenciais	mudança no regime hidráulico do rio Tibagi de lotico para lentico provocando alterações na qualidade da adgua com reflexos na fauna aquática, redução da vazão a jusante do barramento interferindo em área de perambulção dos indios Kayagang, possibilidide de perade de cobertura vegetal remanescente	RH Paraná, rio Tibagi, afluente da Margem esquerda do rio Paranapanema, cerca de 130 km a montante de Londrina	Ausència		aceito com restrições grandes	implantação da LT Jaguariaiva-Itiporã	Elaborar estudo de pré-viabilidade ambiental do empreendimento com especial atenção à questão indigena e à área prioritária Alto-médio rio Tibagi / Alto rio Iguaçu e realizar estudo ambiental integrado, considerando todos os aproveltamentos previstos no rio Tibagi	alta	parcial		OEMA Paraná 2004
																Aumento na oferta de energia elétrica											

Biomas	Ecossistemas	Unidade de Relevo				
Amazônia	Áreas de Formações Pioneiras	Depressão em Bacia Sedimentar				
Caatinga	Áreas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetação)	Depressões Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares				
Campos Sulinos	Campinanarana (Campinas do Rio Negro)	Depressões Esculpidas na Plataforma Amazônica				
Cerrado	Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenéticas				
Mata Atlântica	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares				
Pantanal	Floresta Ombrófila Aberta	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos Arqueados				
Zona Costeira	Floresta Ombrófila Densa	Planaltos em Morfoestruturas de Intrusões ou com Coberturas Residuais em Plataforma				
Zona Marinha	Refúgio ecológico (Campos de Altitude)	Planície do rio Amazonas				
Ecótono Caatinga - Amazônia	Savana (Cerrado)	Planícies e Tabuleiros Costeiros				
Ecótono Cerrado Amazônia	Savana Estépica (Caatinga, Campos de Roraima, Chaco Sul-Matogrossense e Barra do Rio Quarai)	Outros				
Ecótono Cerrado Caatinga	Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária)					
	Estepe (Campos Gerais Planálticos e Campanha Gaúcha)					

Grau de Susceptil	bilidade à D	esertificação	Estado	de Conservação do ambiente
Muito	Alto		1e 2	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento ruim
Alto			3	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento bom
Moder	ado A		4 e 5	Pressão Antrópica muito alta e saneamento ruim
Moder	rado B		6	Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom
Pi	irea de roteção special		7 e 8	Pressão Antrópica alta e saneamento ruim
Alegre	ete		9	Pressão Antrópica alta e saneamento bom
Jalapā	io		10 e 11	Pressão Antrópica média e saneamento ruim
Microrregiō es Afetadas pela Desertifica cão			12	Pressão Antrópica média e saneamento bom
Muito	Grave		13 e 14	Pressão Antrópica baixa e saneamento ruim
Grave			15	Pressão Antrópica baixa e saneamento bom
Moder	rada			
Núcleo Deser	o de tificação			

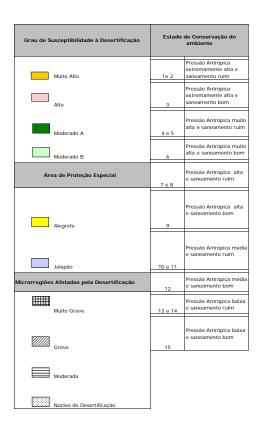


grau de viabilidade ambiental <i>stricto</i> <i>sensu</i>	
necessita estudo ambiental detalhado	
aceito com restrições pequenas	
aceito com restrições médias	
aceito com restrições grandes	

estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental
Alta	Plena
Média	Parcial
Baixa	,

								Áreas d	e Uso Especial				Áreas Frágeis	Área de In	serção do		Ambiente		D.	acias Hidrográfica	ne.							
D !		Fire	Diam.	F	Unidade de	Unidades de	Conservação			Áreas Priorita	árias		Desertificação	Proje	eto		Ambiente			Bacias Hidi ogranicas							Licencia	amento
Proj	eto	Eixo	Bioma	Ecossistema	Relevo	proteção integral	uso sustentável	Terras Indígenas	extremamente alta	muito alta	alta	insuficiente conhecida	ocorência / susceptibilidade	rural	urbana	estado de conservação sem o projeto	efeitos no meio sócio-econômico		bacia/sub- bacia	Focos relevantes de poluição e contaminação das águas	conflito de uso	grau de viabilidade ambiental stricto sensu	condição de operação	medidas	estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental	Federal	Estadual
UH JATAIZ rio Ti (Jataiz PR) 15	INHO pagi inho-	Sudoeste	Mata Atlântica	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares									x		Pressão Antrópica alta e saneamento ruim	possiblidade de perd. de áreas agriculas/nucleos residenciais	mudança no regime hidráulico do rio Tibagi de lotto para lentico provocando al terações na qualidade da água com reflexos na fauna quática, redução da vazãc a jusante do barramento, possibilido de cobertura vegeta remanescente	RH Paraná, ric Tibagi, afluente da Margem esquerda do ric Paranapanema cerca de 15 km montante da Represa Capivara, no ric Paranapanema	e D J, a	não	acelto com restrições grandes	implantação da LT Jaguariaiva-Itiporá	Elaborar estudo de pré-viabilidade ambiental do empreendimento com especial atenção à proximidade do reservatório a jusante e realizar estudo ambiental integrado, considerando todo os aproveltamento previstos no rio Tibagi	média S	parcial		OEMA Paraná 2004
						SIM	I NÃO	ENTORNO	)																			

Ecossistemas	Unidade de Relevo
Áreas de Formações Pioneiras	Depressão em Bacia Sedimentar
Áreas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetação)	Depressões Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares
Campinanarana (Campinas do Rio Negro)	Depressões Esculpidas na Plataforma Amazônica
Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenéticas
Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares
Floresta Ombrófila Aberta	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos Arqueados
Floresta Ombrófila Densa	Planaltos em Morfoestruturas de Intrusões ou com Coberturas Residuais em Plataforma
Refúgio ecológico (Campos de Altitude)	Planície do rio Amazonas
Savana (Cerrado)	Planícies e Tabuleiros Costeiros
Savana Estépica (Caatinga, Campos de Roraima, Chaco Sul- Matogrossense e Barra do Rio Quarai)	Outros
Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária)	
Estepe (Campos Gerais Planálticos e Campanha Gaúcha)	
	Areas de Formações Pioneiras  Areas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetação) Campinanarana (Campinas do Rio Negro)  Fioresta Estacional Decidual (Mata Caducifolia)  Fioresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifolia)  Fioresta Ombrofila  Aberta  Refúgio ecológico (Campos de Altitude)  Savana (Eerrado)  Savana (Eerrado)  Fioresta Ombrofila Densa  Refúgio ecológico (Campos de Altitude)  Fioresta Ombrofila  Fioresta Ombrofila Densa  Refúgio ecológico (Campos de Altitude)  Fioresta Ombrofila  Estepica (Castinga, Campos de Roraima, Chaco Sul- Matogrossense e Barra do Rio Quarai)  Fioresta Ombrofila Mista (Mata de Araucaria)





estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental
Alta	Plena
Média	Parcial
Baixa	\ 

								Áreas o	de Uso Especial				Áreas Frágeis	Área de Ins	serção do		Ambiente		Pa	cias Hidrográfi	one.						Liconcii	amento
					Unidade de	Unidades d	e Conservação			Áreas Prioritá	irias		Desertificação	Proje	eto		Ambiente		Ба	cias riidi ogi air	cas						Licerici	amento
Proj∈	eto	Eixo	Bioma	Ecossistema	Relevo	proteção integral	uso sustentável	Terras Indígenas	extremamente alta	muito alta	alta	insuficien te conhecida	susceptibilida	rural	urbana	estado de conservação sem o projeto	efeitos no meio sócio-econômico	efeitos no meio bio- físico	bacia/sub- bacia	Focos relevantes de poluição e contaminaçã o das áquas	conflito de	grau de viabilidade ambiental stricto sensu	condição de operação	medidas	estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental	Federal	Estadual
UHE SA rio Forr (Corib BA) 50	noso e - Fra	São rancisco	Cerrado	Savana (Cerrado)	Planaitos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares				Coribe 132 km							Pressão Antrópica alta e saneamento ruim	possiblidade de perda de áreas agrículas/núcleos residenciais	mudança no regime hidráulico do rio Formoso de lotico para lentico provocando alterações na qualidade da água com reflexos na fauna aquática, redução da vazão a jusante do barramento. Supressão de cobertura vegetal (mata ciliar) remanescente.	RH São Francisco, rio Formoso, afluente da Margem esquerda do rio São Francisco.		Irrigação e consumo humano	aceito com restrições pequenas		Elaborar estudo de pre-viabilidade ambiental do empreendimento e realizar estudo de ambiental integrado, considerando todos os aproveitamentos previstos para o ric Formoso a ponto di minimizar os conflitos de uso da água na região. Realizar programa de reposição florestal no entorne do reservatório. Investir na Área Prioritéria para a conservação Coribe, segundo Resolução CONAMO Resolução CONAMO ROSOLUÇÃO CONAMO PROFICIA ENTIRE A CONSENTIRA ENTIRA PROPORTIVA DE A CONSENTIRA DE A CONSENT	média	plena		2003 - OEMA BA
						Sil	M NÃO	ENTORNO									Aumento na oferta de energia elétrica							a preservação dos mananciais e prevenção do assoreamento dos rios e definir estratégia que solucione o conflite entre os vários susários da âgua n. região (consumo humano, irrigação, aproveitamento energético, etc.).	a a			

Biomas	Ecossistemas	Unidade de Relevo
Amazônia	Áreas de Formações Pioneiras	Depressão em Bacia Sedimentar
Caatinga	Áreas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetação)	Depressões Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares
Campos Sulinos	Campinanarana (Campinas do Rio Negro)	Depressões Esculpidas na Plataforma Amazônica
Cerrado	Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenéticas
Mata Atlântica	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares
Pantanal	Floresta Ombrófila Aberta	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos Arqueados
Zona Costeira	Floresta Ombrófila Densa	Planaltos em Morfoestruturas de Intrusões ou com Coberturas Residuais em Plataforma
Zona Marinha	Refúgio ecológico (Campos de Altitude)	Planície do rio Amazonas
Ecótono Caatinga - Amazônia	Savana (Cerrado)	Planícies e Tabuleiros Costeiros
Ecótono Cerrado - Amazônia	Savana Estépica (Caatinga, Campos de Roraima, Chaco Sul-Matogrossense e Barra do Rio	Outros
Ecótono Cerrado - Caatinga	Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária)	
	Estepe (Campos Gerais Planálticos e Campanha Gaúcha)	

Grau de Su	sceptibilidade à D	esertificação	Estado	de Conservação do ambiente
	Muito Alto		1e 2	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento ruim
	Alto		3	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento bom
	Moderado A		4 e 5	Pressão Antrópica muito alta e saneamento ruim
	Moderado B		6	Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom
	Área de Proteção Especial		7 e 8	Pressão Antrópica alta e saneamento ruim
	Alegrete		9	Pressão Antrópica alta e saneamento bom
	Jalapão		10 e 11	Pressão Antrópica média e saneamento ruim
Microrregió es Afetadas pela Desertifica cão			12	Pressão Antrópica média e saneamento bom
	Muito Grave		13 e 14	Pressão Antrópica baixa e saneamento ruim
	Grave		15	Pressão Antrópica baixa e saneamento bom
	Moderada			
	Núcleo de Desertificação			



grau de viabilidade ambiental <i>stricto</i> <i>sensu</i>	
necessita estudo ambiental detalhado	
aceito com restrições pequenas	
aceito com restrições médias	
aceito com restrições grandes	

estimativa \$ da participação dos ogramas Ambientais	grau de viabilidade ambiental
Alta	Plena
Média	Parcial
Baixa	'

						Unidad	es de	Áreas de	Uso Especial					Área de I	Inserção ojeto		Ambiente		Ва	acias Hidrográ	ficas						Licencia	amento
Pr	rojeto	Eixo	Bioma	Ecossistema	Unidade de Relevo	Conserv proteção integral	uso sustentáv el	Terras Indígenas		muito alta	alta	insuficient	ocorência / susceptibilida de	rural	urbana	estado de conservação sem o projeto	efeitos no meio sócio-econômico	efeitos no meio bio físico	bacia/sub	Focos relevantes de poluição e contaminaçã o das águas		grau de viabilidade ambiental stricto sensu	condição de operação	medidas	estimativa \$ da participação dos Programas	grau de viabilidade ambiental	Federal	Estadual
rio 1 (Ita Imp	E SERRA EBRADA To cantins guatins- TO e erartiz - t) 1332 MW	Araguaia - Tocantins	Cerrado	Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressoes Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares		RESEX Mata Grande	(2) Apinayé (36km) e Krikat (48km)	: Estudo do					x		Pressão Antrópica média à muito alta e saneamento ruim	possiblidade de perda de áreas agrículas/núcleos residenciais	mudança no regime hidráulico do rio Tocantins de lótico para léntico provocando alterações na qualidade da água com reflexos na fauna aquática, redução da vazão a jusante do barramento. Supressão de cobertura vegetal (mata ciliar) remanescente.	RH do Tocantins,	Sérios problemas com efluentes de cortumes e Indústrias de		aceito com restrições grandes		Elaborar estudo de pré-viabilidade ambiental do empreendimento e realizar estudo ambiental integrado, considerando todos os aproveitamentos existentes e previstos para o rio Tocantins a ponto de minimizar os conflitos de uso da água na região.	alta	Parcial investir nos programas de adequação dos usos da água, segundo diretrizes da ANA.	2003 - IBAMA Sede	
																	Aumento na oferta de energia elétrica											

Biomas	Ecossistemas	Jnidade de Relevo
Amazônia	Áreas de Formações Pioneiras	Depressão em Bacia Sedimentar
Caatinga	Áreas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetação)	Depressões Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares
Campos Sul	Campinanarana (Campinas do Rio Negro)	Depressões Esculpidas na Plataforma Amazônica
Cerrado	Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenéticas
Mata Atlänti	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares
Pantanal	Floresta Ombrófila Aberta	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos Arqueados
Zona Costel	Floresta Ombrófila Densa	Planaltos em Morfoestruturas de Intrusões ou com Coberturas Residuais em Plataforma
Zona Marinh	Refúgio ecológico (Campos de Altitude)	Planície do rio Amazonas
Ecótono Caatinga - Amazônia	Savana (Cerrado)	Planícies e Tabuleiros Costeiros
Ecótono Cerrado - Amazônia	Savana Estépica (Caatinga, Campos de Roraima, Chaco Sul-	Outros
Ecótono Cerrado - Caatinga	Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária) Estepe (Campos Gerais Planálticos e Campanha	
	Garriparina Garricha)	<u> </u>

Grau de Susc	ceptibilidade à Desertificação	Estado o	de Conservação do ambiente
	Muito Alto	1e 2	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento ruim
	Alto	3	Pressão Antrópica extremamente alta saneamento bom
	Moderado A	4 e 5	Pressão Antrópica muito alta e saneamento ruim
	Moderado B	6	Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom
Áre	a de Proteção Especial	7 e 8	Pressão Antrópica alta e saneamento ruim
	Alegrete	9	Pressão Antrópica alta e saneamento bom
	Jalapão	10 e 11	Pressão Antrópica média e saneamento ruim
Microrregio	es Afetadas pela Desertifica	12	Pressão Antrópica média e saneamento bom
	Muito Grave	13 e 14	Pressão Antrópica baixa e saneamento ruim
	Grave	15	Pressão Antrópica baixa e saneamento bom
	Moderada		
	Núcleo de Desertificação		

Efeito do Projeto Ambier	
Positivo	Negativo
*	Atenção Especial para o Saneamento

necessita estudo ambiental detalhado  aceito com restrições pequenas  aceito com restrições médias	grau de viabilidade ambiental stricto sensu	
restrições pequenas aceito com	ambiental	
	restrições	
aceito com restrições grandes		

Alta Plena  Média Parcial	estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental
	Alta	Plena
Delve	Média	Parcial
BdiXd	Baixa	

SIM JÃO TORNO

							Áreas d	le Uso Especial				Áreas Frágeis	Area de In		Ambiente		Ва	cias Hidrográficas						Licen	ciamento
					Unidades de	Conservação			Áreas Priorita	árias		Desertificação	Proj	jeto				•							
Projeto	Eixo	Bioma	Ecossistema	Unidade de Relevo	proteção integral	uso sustentável	Terras Indigenas	extremamente alta	muito alta	alta	insuficien te conhecida	susceptibilida	rural	estado de urbana conservação sen o projeto	efeitos no meio sócio- econômico	efeitos no meio bio-físico	bacia/sub- bacia		flito de viabi uso ambi	u de lidade condição ental operação sensu	medidas	estimativa \$ da participação dos Programa: Ambientais	grau de viabilidade s ambiental	Federal	Estadual
UHE BEL MONTE ri Xingu (Altamira PA) 11.18 MW	Madeira	Amazonia	Floresta Ombrofila Densa	Depressoes Esculpidas na Plataforma Amazonica			Paquiçamba	Rio Anaku (Recomenda Criação de UC de uso indireto)			Tabuleiro das Tartarugas (Recomenda Uso Indireto)		x	Pressão Antrópica média e saneamento ruim	possibilidade de perda de áreas agrículas/nucleos residenciais (440km2). Redução de disponibilidad de água a jusante, prejudicando a comunidade indigena Paquiçamba	qualidade da água com reflexos na	RH do		acelto cor restrições		As interioras treventi se potencial sea potencial scala so ho boj de um PLANO I NESERÇÃO REGIONAL para que os efeite sejam apreendidos na região. O empreendedor devera ter seu papel claramente estabelecido. Realizar estud ambiental integrado, considerando o inventario da bacia do Rio Kingu a porto de minimizar os efeitos adversos de minimizar os efeitos adversos de minimizar os efeitos adversos entre de minimizar individual entre de minimizar individual entre de minimizar os efeitos adversos entre de minimizar os entre de minimizar os entre de minimizar os conflitos entre de minimizar os conflitos entre de minimizar os conflitos sociales e as interferências sobre o sistema de vida e interferencia sobre o sistema de vida e interferencia sobre o sistema de vida e interferencias con la consenio de minimizar os conflitos socials e as interferencias sobre o sistema de vida e interferencias con la consenio de minimizar os conflitos socials e as interferencias sobre o sistema de vida e interferencias sobre o sistema de	oo o o o o o o o o o o o o o o o o o o	parcial		2004 - OEMA - PA
			Floresta Ombrófila Aberta		SIN		ENTORNO								Aumento na oferta de energia elétrica 11.182 MW. Animação na economia regional dados estimulos construção civil e criação de emprego. Estimulo a industrialização. Desaceleração do avanço da fronteira agrícola.										

Biomas	Ecossistemas	Unidade de Relevo		
Amazŏnia	Áreas de Formações Pioneiras	Depressão em Bacia Sedimentar		
Caatinga	Áreas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetação)	Depressões Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares		
Campos Sulinos	Campinanarana (Campinas do Rio Negro)	Depressões Esculpidas na Plataforma Amazõnica		
Cerrado	Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenéticas		
Mata Atlāntica	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares		
Pantanal	Floresta Ombrófila Aberta	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos Arqueados		
Zona Costeira	Floresta Ombrófila Densa	Planaltos em Morfoestruturas de Intrusões ou com Coberturas Residuais em Plataforma		
Zona Marinha	Refúgio ecológico (Campos de Altitude)	Planície do rio Amazonas		
Ecótono Caatinga - Amazônia	Savana (Cerrado)	Planícies e Tabuleiros Costeiros		
Ecótono Cerrado - Amazônia	Savana Estépica (Caatinga, Campos de Roraima, Chaco Sul-Matogrossense e Barra do Rio Quarai)	Outros		
Ecótono Cerrado - Caatinga	Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária)			
	Estepe (Campos Gerais Planálticos e Campanha Gaúcha)			
	l	l		

Grau de Susceptibilidade à Desertificaçã	Estado	de Conservação do ambiente
Muito Alto	1e 2	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento ruim
Alto	3	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento bom
Moderado A	4 e 5	Pressão Antrópica muito alta e saneamento ruim
Moderado B	6	Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom
Área de Proteção Especial	7 e 8	Pressão Antrópica alta e saneamento ruim
Alegrete	9	Pressão Antrópica alta e saneamento bom
Jalapão	10 e 11	Pressão Antrópica média e saneamento ruim
Microrregiões Afetadas pela Desertificaçã		Pressão Antrópica média e saneamento bom
Muito Grave	13 e 14	Pressão Antrópica baixa e saneamento ruim
Grave	15	Pressão Antrópica baixa e saneamento bom
Moderada		
Núcleo de Desertificação		



	grau de viabilidade ambiental <i>stricto</i> <i>sensu</i>	
	necessita estudo ambiental detalhado	
r	aceito com estrições pequenas	
	aceito com restrições médias	
	aceito com restrições grandes	

estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental
Alta	Plena
Média	Parcial
Baixa	

								Áreas de	e Uso Especial				Áreas Frágeis	Area de In			Ambiente		Re	cias Hidrográfica	ae						Licencia	amento
Projeto	Eixo	Bio		Ecossistema	Unidade de	Unidades de	Conservação			Áreas Priorit	árias		Desertificação	Proj	eto		7 in Dicinic		1								2.0011010	ciito
Project	EIXO	БЮ	па	ecossistema	Relevo	proteção integral	uso sustentável	Terras Indígenas	extremamente alta	muito alta	alta	insuficien te conhecida	ocorência / susceptibilida de	rural	urbana	estado de conservação sem o projeto	efeitos no meio sócio-econômico		bacia/sub- bacia	Focos relevantes de poluição e contaminação das áquas	conflito de uso	grau de viabilidade ambiental stricto sensu	condição de operação	medidas	estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental	Federal	Estadual
UHE SIMPLICI rio Parait do Sul (Chiador MG, Aler Paraiba-A e Sapuca RJ) 306M	Rede Sud	Ma Atlâr	tica Ser	oresta Estacional midecidual (Mata emicaducifolia)	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos		APA Petrópolis 56km - APA dos Frades 43km		Vale do Médio Paralba							Pressão Antrópica muito alta e saneamento ruim	possiblidade de perda de áreas agrículas/núcleos residenciais	mudança no regime hidráulico do rio Paraiba do Sul de lotico para léntico provocando alterações na qualidade da água com reflexos na fauna aquatita, redução da vazão a jusante do jusante do jusante do cobertura vegetal (mata ciliar) remanescente. Possibilidade de asoreamento do rio Paraiba do Sul pelas novas margens do reservatório.		mineração (extração de areia), efluentes domésticos liberados a	Região de extração de areia. A montante há confilto entre irrigação, extração de areia e despejo de eflentes domésticos.	aceito com restrições grandes		Realizar estudo ambiental integrado, considerando todos os aproveitamentos existentes e previstos para o rio Paralba do Sul a ponto de minimizar os conflitos de uso da água na região a montante do empreendimento. Implementar, de acordo com prioridades indicadas pela ANA, programa para uso e manejo adequado do solo, atualmete sujeito a erosão em função do desmatamento e exploração mineral intensa com consequentes problemas de assoreamento do rio e inundações. Implementar melhoria de tratamento de esgoto domestico e de efluentes industriais na região a montante di área de localização do empreendimento. Necessidade de definição, segundo a ANA, de estrategia para solucionar o problema da extação indiscriminada de areia do leito e da planícide de inundação do rio Paraíba do Sul. Implementar e/ou melhorar eistemas de tratamento de esgoto domestico e de efluentes industrisia na região, para que não haja aumento da contaminação da água a ser represada. Realizar programa de reposição florestal a montante, a iusante e no entorno.	alta	parcial	2004 - IBAMA Sede	
					Núcleos Cristalinos Arqueados											Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom	Aumento na oferta de energia elétrica											
	1					SIM	NÃO	ENTORNO	1	1											1							

Biomas	Ecossistemas	Unidade de Relevo
Amazônia	Áreas de Formações Pioneiras	Depressão em Bacia Sedimentar
Caatinga	Areas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetação)	Depressões Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares
Campos Sulinos	Campinanarana (Campinas do Rio Negro)	Depressões Esculpidas na Plataforma Amazônica
Cerrado	Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenéticas
Mata Atlântica	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares
Pantanal	Floresta Ombrófila Aberta	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos
Zona Costeira	Floresta Ombrófila Densa	Planaitos em Morfoestruturas de Intrusões ou com Coberturas Residuais em Plataforma
Zona Marinha	Refúgio ecológico (Campos de Altitude)	Planície do rio Amazonas
Ecótono Caatinga - Amazônia	Savana (Cerrado)	Planícies e Tabuleiros Costeiros
Ecótono Cerrado - Amazônia	Savana Estépica (Caatinga, Campos de Roraima, Chaco Sul-Matogrossense e Barra do Rio Ouarai)	Outros
Ecótono Cerrado - Caatinga	Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária)	
	Estepe (Campos Gerais Planálticos e Campanha Gaúcha)	

Gra	u de Susceptibilio Desertificação	dade à	Estado o	de Conservação do ambiente
	Muito Alto		1e 2	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento ruim
	Alto		3	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento bom
	Moderado A		4 e 5	Pressão Antrópica muito alta e saneamento ruim
	Moderado B		6	Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom
	Área de Proteção Especial		7 e 8	Pressão Antrópica alta e saneamento ruim
	Alegrete		9	Pressão Antrópica alta e saneamento bom
	Jalapão		10 e 11	Pressão Antrópica média e saneamento ruim
Microrregi ões Afetadas pela Desertifica			12	Pressão Antrópica média e saneamento bom
	Muito Grave	•	13 e 14	Pressão Antrópica baixa e saneamento ruim
	Grave		15	Pressão Antrópica baixa e saneamento bom
	Moderada			
	Núcleo de Desertificação			



grau de viabilidade ambiental <i>stricto</i> <i>sensu</i>
necessita estudo ambiental detalhado
aceito com restrições pequenas
aceito com restrições médias
aceito com restrições grandes

estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental
Alta	Plena
Média	Parcial
Baixa	"

								Áreas	le Uso Especial				Áreas Frágeis	Área de Ins	serção do		Ambiente			Bacias Hidrográficas							Licenc	iamento
					Unidade de	Unidades de	Conservação			Áreas Priorit	árias		Desertificação	Proje	eto		Ambiente			Jacias Filal Ograficas	•						Licenc	amento
Projeto	Eixo	o	Bioma	Ecossistema	Relevo	proteção integral	uso sustentável	Terras Indígenas	extremamente alta	muito alta	alta	insuficien te conhecida	ocorência / susceptibilida de	rural	urbana	estado de conservação sem o projeto	efeitos no meio sócio-econômico		bacia/sub- bacia	Focos relevantes de poluição e contaminação das águas	conflito de uso	grau de viabilidade ambiental stricto sensu	condição de operação	medidas	estimativa \$ da participação dos Programas	grau de viabilidade ambiental	Federal	Estadual
UHE TELÉMACO BORBA rio Tibagi (Telémaco Borba-PR) 112 MW	Sul	I N	Mata Atlântica	Áreas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetação)	Depressões Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares	REFLO Estadual Saltinho			Médio Rio Tibagi (12 km)		Alto-médio rio Tibagi / Alto rio Iguaçú			×		Telémaco Borba - Pressão Antrópica alta e saneamento bom	possiblidade de perda de áreas agrículas/núcleos residenciais	mudança no regime hidráulico do ribagi de lotico para léntico provocando alterações na qualidade da água com reflexos na fauna aquática, redução da vazão a jusante do barramento, possibilidade de perda de cobertura vegetal remanescente	RH Paraná, ric Tibagi, afluente da Margem esquerda do ric Paranapanema cerca de 150 km a montante de Londrina		não		implantação da LT Jaguarialva-Itiporá	Elaborar estudo de pré-viabilidade ambiental do empreendimento com especial atenção à área prioritária Alto-médio rio Tibagi / Alto rio Iguaçú e Reserva Florestal Saltinho e realizar estudo ambiental integrado, considerando todos os aproveitamentos previstos no rio Tibagi / Investir na área prioritária Alto médio rio Tibagi / Investir na área prioritária Alto médio rio Tibagi / Alto rio Iguaçú.	média	parcial		OEMA Paraná 2005
								ENTORNO									Aumento na oferta de energia elétrica											

Biomas	Ecossistemas	Unidade de Relevo				
Amazônia	Áreas de Formações Pioneiras	Depressão em Bacia Sedimentar				
Caatinga	Areas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetação)	Depressões Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares				
Campos Sulinos	Campinanarana (Campinas do Rio Negro)	Depressões Esculpidas na Plataforma Amazônica				
Cerrado	Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenéticas				
Mata Atlântica	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares				
Pantanal	Floresta Ömbröfila Aberta	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos Arqueados				
Zona Costeira	Floresta Ombrófila Densa	Planaltos em Morfoestruturas de Intrusões ou com Coberturas Residuais em Plataforma				
Zona Marinha	Refúgio ecológico (Campos de Altitude)	Planície do rio Amazonas				
Ecótono Caatinga - Amazônia	Savana (Cerrado)	Planícies e Tabuleiros Costeiros				
Ecótono Cerrado - Amazônia	Savana Estépica (Caatinga, Campos de Roraima, Chaco Sul-Matogrossense e Barra do Rio Ouarai)	Outros				
Ecótono Cerrado -Caatinga	Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária)					
	Estepe (Campos Gerais Planálticos e Campanha Gaúcha)					

Gra	u de Susceptibilio Desertificação	dade à	Estado	de Conservação do ambiente
	Muito Alto		1e 2	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento ruim
	Alto		3	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento bom
	Moderado A		4 e 5	Pressão Antrópica muito alta e saneamento ruim
	Moderado B		6	Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom
	Área de Proteção Especial		7 e 8	Pressão Antrópica alta e saneamento ruim
	Alegrete		9	Pressão Antrópica alta e saneamento bom
	Jalapão		10 e 11	Pressão Antrópica média e saneament ruim
Microrregi ões Afetadas pela Desertifica cão			12	Pressão Antrópica média e saneament bom
	Muito Grave		13 e 14	Pressão Antrópica baixa e saneamento ruim
	Grave		15	Pressão Antrópica baixa e saneamento bom
	Moderada			
	Núcleo de Desertificação			



grau de viabilidade ambiental <i>stricto</i> <i>sensu</i>
necessita estudo ambiental detalhado
aceito com restrições pequenas
aceito com restrições médias
aceito com restrições grandes

estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental
Alta	Plena
Média	Parcial
Baixa	'

								Área	s de Uso Esp	ecial		Áreas Frágeis	Área de Ir Pro			Ambiente	1	В	Bacias Hidrográfica	as						Licenciamento
Pr	pieto	Eixo	Bioma	Ecossistema	Unidade de		des de rvação			Áreas Priorita	irias	Desertificação	Pro	njeto –								1		1		
					Relevo	proteção integral	uso sustentáve I	Terras Indígenas	extremame nte alta	muito alta alt	insuficiente conhecida	ocorência / susceptibilida de	rural	urbana	estado de conservação sem o projeto	efeitos no meio sócio-econômico		bacia/sub- bacia	Focos relevantes de poluição e contaminação das águas	conflito de uso	grau de viabilidade ambiental stricto sensu	condição de operação	medidas	estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental	Federal Estadual
Clard Paran Can Alt Sim	(Caçu,	Araguaia - Tocantins	Mata Atlântica	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifolia)	Planaltos em Morfoestruturas de Baclas Sedimentares						Rio Paranaiba 48ka	n	x		Pressão Antrópica alta e saneamento ruim, Pressão Antrópica alta e saneamento bom e Pressão Antrópica média e saneamento ruim	residenciais	mudança no regime hidráulico do rio Claro de lotico para lentico provocando alterações na qualidade da água com reflexos na fauna aquática, redução da vazão a jusante do barramento. Supressão de cobertura vegetal (mata ciliar) remanescente.	Para naiba	Ausência	Conflito entre transporte fluvil na hidrovia Tieté- Paraná e geração de energia por meio de hidrelétricas		Construção das UHI Pontal, Ari Franco c Rochedo II. A construção de tais UHEs poderia inviabilizar a operação da UHE Itaguaçu?	Realizar estudo ambiental integrado, considerando todos os aproveitamentos existentes e previstos, principalmente todos os projetos de indiedetricas, para o rio Clara o aponto de minimizar os conflitos de uso da água na região a jusante do empreendimento. Implementar, de acordo com prioridades indicadas pela ANA, programa para uso e manejo adequado do solo, de forma a ontrolada errosão, preservar os manancialis e prevenir assoreamento dos rios e inundações. Necessidade consolidar, segunda a ANA, os equacionamento dos conflitos entre a manutenção de volumes pela programa para uso esta esta esta esta esta esta esta esta		Plena Atenção para possíveis interferências na hidrovia Tietê- Paraná e necessidade de estudo ambiental integrado realizado e aprovado.	2004 - OEMA Golás
						I N	NÃO	NTORNO								Aumento na oferta de energia elétrica										

Ecossistemas	Unidade de Relevo
Áreas de Formações Pioneiras	Depressão em Bacia Sedimentar
Áreas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetação)	Depressões Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares
Campinanarana (Campinas do Rio Negro)	Depressões Esculpidas na Plataforma Amazônica
Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenéticas
Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares
Floresta Ombrófila Aberta	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos Arqueados
Floresta Ombrófila Densa	Planaltos em Morfoestruturas de Intrusões ou com Coberturas Residuais em Plataforma
Refúgio ecológico (Campos de Altitude)	Planicie do rio Amazonas
Savana (Cerrado)	Planícies e Tabuleiros Costeiros
Savana Estépica (Caatinga, Campos de Roraima, Chaco Sul-Matogrossense e Barra do Rio Quarai)	Outros
Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária)	
Estepe (Campos Gerais Planálticos e Campanha Gaúcha)	
	Areas de Formações Pioneiras  Areas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetacão)  Campinanarana (Campinas do Rio Negro)  Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifolia)  Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifolia)  Floresta Ombrófila Aberta  Floresta Ombrófila Densa  Refugio ecológico (Campos de Altitude)  Savana (Cerrado)  Savana Estepica (Castinga, Campos de Roralma, Chaco Sul-Matogrossense Berra do Rio Guara)  Floresta Ombrófila Floresta Ombrófila Semicaducifola  Savana (Cerrado)  Savana Estepica (Castinga, Campos Ge Roralma, Chaco Sul-Matogrossense Berra do Rio Guara)  Floresta Ombrófila Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucaria)

Grau de S	usceptibilidade à Desertificação	Estado	de Conservação do ambiente
	Muito Alto	1e 2	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento ruim
	Alto	3	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento bom
	Moderado A	4 e 5	Pressão Antrópica muito alta e saneamento ruim
	Moderado B	6	Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom
	Área de Proteção Especial	7 e 8	Pressão Antrópica alta e saneamento ruim
	Alegrete	9	Pressão Antrópica alta e saneamento bom
	Jalapão	10 e 11	Pressão Antrópica média e saneamento ruim
Microrregiões	Afetadas pela Desertificação	12	Pressão Antrópica média e saneamento bom
	Muito Grave	13 e 14	Pressão Antrópica baixa e saneamento ruim
	Grave	15	Pressão Antrópica baixa e saneamento bom
	Moderada		
	Núcleo de Desertificação		



grau de viabilidade ambiental stricto sensu	
necessita estudo ambiental detalhado	
aceito com restrições pequenas	
aceito com restrições médias	
aceito com restrições grandes	

estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental
Alta	Plena
Média	Parcial
Baixa	

								Á	reas de Uso Esp	ecial			Áreas Frágeis	Area de In			Ambiente		Pa	cias Hidrográficas						Licenciamer	nto
Proiet		Eixo	Bioma	Ecossistema	Unidade de	Unidades de	Conservação			Áreas P	Prioritárias		Desertificação	Proj	eto		Ambiente		Ба	cias nidrogranicas						Licericiamei	
riojei		EIXO	Біота	Ecossistema	Relevo	proteção integral	uso sustentável	Terras Indígenas	extremamente alta	muito alta	alta	insuficiente conhecida	ocorência / susceptibilida de	rural	urbana	estado de conservação sem o projeto	efeitos no meio sócio-econômico		bacia/sub- bacia	Focos relevantes de poluição e contaminaçã uso o das águas	grau de viabilidade ambiental stricto sensu	condição de operação	medidas	estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de	Federal Esta	adual
UHE FCC DO RII CLAR (Caçu Simão-M Santa Vitoria la 72MW	O Ar. I, Too Si MG)	aguaia - cantins e udoeste	Mata Atlântica	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planalitos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares							rio Paranaiba (Mata Atlântica e Campos Sulinos)				Pressão Antrópica alta e saneamento bom		mudança no regime hidráulico de rio Claro de lótico para lentico provocando alterações na qualidade da água com reflexos na fauna aquática, redução da vazão a jusante do barramento. Supressão de cobertura vegeta (mata ciliar) remanescente. Interferência sobre a Area Prioritária para a Conservação da Biodiversidade Rio Paranaiba.	RH do Paraná, rio Claro, na margem esquerda do rio Para naíba	Conflito entre transporte fluvil na hidrovia Tietë Ausència Paraná e		Construção das UHE Itaguaçu, Pontal, Ari Franco e Rochedo II.	Realizar estudo ambiental integrado, considerando todos os aproveitamentos existentes e previstos, principalmente todos os projetos de hidrelétricas, para o rio Claro a ponto de minimizar os conflitos de uso di água na região a Jusante do empreendimento. Implementar, de acordo com prioridades indicadas pela ANA, programa para uso e manejo adequado de solo, de forma a ontrolar a erosão, preservar os manancials e prevenir assoreamento dos rios e inundações. Necessidade consolidar, segunda a ANA, o equacionamento de conflitos entre a manutenção de volumes mismos de água para permitir transporte fluvial pela hidrovia Titet-Paraná e as regras operacionais das hidrelétricas. Realizar programa de reposição florestal a montante, a Jusante to no entorno do reservatório. Investir, prioritariamente, na Arae Prioritéria para a Conservação Rio Paranalba, segundo Resolução CONAMA 002/96; realizar investimento en graceria com o IBAMA e orgãos ambientais de GO.	alta	parcial		005 - EMA olás

Biomas	Ecossistemas	Unidade de Relevo
Amazônia	Áreas de Formações Pioneiras	Depressão em Bacia Sedimentar
Caatinga	Areas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetação)	Depressões Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares
Campos Sulinos	Campinanarana (Campinas do Rio Negro)	Depressões Esculpidas na Plataforma Amazônica
Cerrado	Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenéticas
Mata Atlântica	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares
Pantanal	Floresta Ombrófila Aberta	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos Arqueados
Zona Costeira	Floresta Ombrófila Densa	Planaltos em Morfoestruturas de Intrusões ou com Coberturas Residuais em Plataforma
Zona Marinha	Refúgio ecológico (Campos de Altitude)	Planície do rio Amazonas
Ecótono Caatinga - Amazônia	Savana (Cerrado)	Planícies e Tabuleiros Costeiros
Ecótono Cerrado - Amazônia	Savana Estépica (Caatinga, Campos de Roraima, Chaco Sul-Matogrossense e Barra do Rio Quarai)	Outros
Ecótono Cerrado -Caatinga	Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária)	
	Estepe (Campos Gerais Planálticos e Campanha Gaúcha)	

Grau de S	Susceptibilidade à Desertificação	Estado	Estado de Conservação do ambiente				
	Muito Alto	1e 2	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento ruim				
	Alto	3	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento bom				
	Moderado A	4 e 5	Pressão Antrópica muito alta e saneamento ruim				
	Moderado B	6	Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom				
	Área de Proteção Especial	7 e 8	Pressão Antrópica alta e saneamento ruim				
	Alegrete	9	Pressão Antrópica alta e saneamento bom				
	later 5 -	10 e 11	Pressão Antrópica média e saneamento ruim				
Microrregiões	Jalapão  Afetadas pela Desertificação	12	Pressão Antrópica média e saneamento bom				
	Muito Grave	13 e 14	Pressão Antrópica baixa e saneamento ruim				
	Grave	15	Pressão Antrópica baixa e saneamento bom				
	Moderada						
	Núcleo de Desertificação						



necessita estudo ambiental detalhado
aceito com restrições pequenas
aceito com restrições médias
aceito com restrições grandes

estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental
Alta	Plena
Média	Parcial
Baixa	

Figure 2 Fig							Unidades de	Áreas de	e Uso Especial			Áreas Frágeis	Área de Ins			Ambien	ıte	Ba	cias Hidrográfic	cas						Licenci	amento
protection of integral or inte	Pro	jeto E	ixo	Bioma	Ecossistem			1		Áreas Prio	 _		,	1					Focos			1			1		
Use Portion Considerance produce of historical transportation of the Cerebration of College Considerance of the Construction of the Cerebration of College Considerance of College College Considerance of College Considerance of College Considerance of College Col					a	Relevo		Indígenas			te	ocorência /	rural	urbana	conservação	meio sócio-			relevantes de poluição e contaminaçã		viabilidade ambiental			participação dos Programas	viabilidade	Federal	Estadual
	PONT Claro e Cad	AL rio (Caçu hoeira	antine A	Atlântica e	Estacional Semidecidual (Mata	Morfoestrutura s de Bacias					Paranaíba (Mata Atlântica e Campos Sulinos)				alta e saneamento	perda de áreas agriculas/núcle os residenciais	hidráulico do rio Claro de lótico para léntico provocando alterações na qualidade da água com reflexos na fauna aquática, redução da vazão a jusante do barramento. Supressão de cobertura vegetal (mata	rio Claro, na margem esquerda do rio Para naiba		transporte fluvil na hidrovia Tietê- Paraná e geração de energia por meio de		UHE Ari Franco e Rochedo II. A construção de tais UHEs poderia inviabilizar a operação da UHE	considerando todos os aproveitamentos existentes e previstos, principalmente todos os projetos de hidrelétricas, para o rio Claro a ponto de minimizar os confilitos de uso da água na região a Jusante do empreendimento. Implementar, de acordicom prioridades indicadas pela ANA, programa para uso e manejo adequado do solo, de forma a entrolar a erosão, preservar os mananciais e prevenir assoreamento dos rios e inundações. Necessidade consolidar, segunda a ANA, o equacionamento de conflitos entre a manutenção de volumes minimos de águe para permitir o transporte fluvial pela hidrovia Tieté-Paraná e as regras operacionais das hidrelétricas. Realizar programa de reposição florestal a montante, a jusante e no entorno do reservatório. Investir na Area Prioritéria para a Conservação Rio Paranaiba, segundo Resolução CONAMA 002/96; realizar investimento em parcería com o apreceia com o apreceia com o pareceia com o par		para possíveis interferências na hidrovia Tietê- Paraná e necessidade de estudo ambiental integrado realizado e		OEMA

Biomas	Ecossistemas	nidade de Rele
Amazônia	Áreas de Formações Pioneiras	Depressão em Bacia Sedimentar
Caatinga	Áreas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetação)	Depressões Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares
Campos Su	Campinanara na (Campinas do Rio Negro)	Depressões Esculpidas na Plataforma Amazônica
Cerrado	Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenéticas
Mata Atlāni	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifóli	Planaltos em Morfoestrutura s de Bacias Sedimentares
Pantanal	Floresta Ombrófila Aberta	Planaltos em Morfoestrutura s de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos Arqueados
Zona Coste	Floresta Ombrófila Densa	Planaltos em Morfoestrutura s de Intrusões ou com Coberturas Residuais em Plataforma
Zona Marin	Refúgio ecológico (Campos de Altitude)	Planície do rio Amazonas
Ecótono Caatinga - Amazônia	Savana (Cerrado)	Planicies e Tabuleiros Costeiros
Ecótono Cerrado - Amazónia	Savana Estépica (Caatinga, Campos de Roraima	Outros
Ecótono Cerrado - Caatinga	Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária) Estepe	
	(Campos Gerais	

Grau de Susce	ptibilidade à Desertificação		e Conservação do Imbiente
Mu	ito Alto	1e 2	Pressão Antrópica extremamente alt e saneamento ruim
Alt	o.	3	Pressão Antrópica extremamente alt e saneamento bom
Mo	derado A	4 e 5	Pressão Antrópica muito alta e saneamento ruim
Mo	derado B	6	Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom
Área de	Proteção Especial	7 e 8	Pressão Antrópica alta e saneamento ruim
Ale	grete	9	Pressão Antrópica alta e saneamento bom
lal	apão	10 e 11	Pressão Antrópica média e saneamento ruim
	Afetadas pela Desertificaçã		Pressão Antrópica média e saneamento bom
Mu	ito Grave	13 e 14	Pressão Antrópica baixa e saneamento ruim
Gra	ave	15	Pressão Antrópica baixa e saneamento bom
<b></b> Мо	derada		
SSSS No	cleo de Desertificação		

Efeito do Projeto sobre o Meio Ambiente							
Positivo	Negativo						
*	Atenção Especial para o Saneamento						

grau de viabilidade ambiental <i>stricto</i> <i>sensu</i>
necessita estudo ambiental detalhado
aceito com restrições pequenas
aceito com restrições médias
aceito com restrições grandes

estimativa \$ da participação dos rogramas Ambientais	grau de viabilidade ambiental
Alta	Plena
Média	Parcial
Baixa	

								Áreas d	e Uso Especial			Áreas Frágeis Área de Inserção do				Ambiente			acias Hidrográficas	e.						Licenci	amonto
				Ecossistem	Unidade de	Unidades de	ades de Conservação		nservação Áreas Prioritárias		irlas	Desertificação	Projeto ertificação						Davids marky, and as							Licerici	inento
Proje	eto	Eixo	Bioma	а	Relevo	proteção integral	uso sustentável	Terras Indígenas	extremamente alta	muito alta	insufic alta te conhec	susceptibilida	ı rural	urbana	estado de conservação sem o projeto	efeitos no meio sócio-econômico		bacia/sub- bacia	Focos relevantes de poluição e contaminação das águas	conflito de uso	grau de viabilidade ambiental stricto sensu	condição de operação	medidas	estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental	Federal	Estadual
UHI IPUEII TO Tocs (Ipueir Brejinh Nazar TO) 600	RAS antins as e no do ré -	raguaia - focantins	Cerrado	Savana (Cerrado)	Depressoes Esculpidas nas Faixas Orogeneticas				Médio - Tocantins (criação de UC) 77km				x		Pressão Antrópica alta e saneamento ruim	possiblidade de perda de área agriculas/núcleos residenciais	mudança no regime hidráulico do rio Tocantins de lotico para lentico pravocando alterações na qualidade da água com reflexos na fauna aquática, redução da vazão a jusante do barramento. Supressão de cobertura vegetal (mata ciliar) remanescente.	RH do Tocantins	Ausência	Auséncia	aceito com restrições médias		Elaborar estudo de pré- viabilidade ambiental do  empreendimento e realizar  estudo ambiental integrado,  considerando todos os  aproveitamentos existentes e  previstos para o rio Tocantins a  ponto de minimizar os conflitos  de uso da água na região,  compatibilizando a conservação  dambiental aos usos múltiplos  programa de reposição florestal  no entorno do reservatório.  Inidade de Conservação na Área  Prioriteria para a Conservação  Médio-Tocantins, segundo  Resolução CONAMA 002/96.  Implementar, de acordo com  ações prioritárias indicadas pela  ANA, programa para uso e  manejo adequado do solo e  controle de erosão, visando a  preservação dos mananciais e  prevenção do assoreamento dos  rios.	média	Parcial		2003 - OEMA Tocantins
																Aumento na oferta de energia elétrica											

Biomas	Ecossistemas	nidade de Relev
Amazônia	Áreas de Formações Pioneiras	Depressão em Bacia Sedimentar
Caatinga	Áreas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetação)	Depressões Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares
Campos Sulir	Campinanaran a (Campinas do Rio Negro)	Depressões Esculpidas na Plataforma Amazônica
Cerrado	Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenéticas
Mata Atlântic	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifóli a)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares
Pantanal	Floresta Ombrófila Aberta	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos Arqueados
Zona Costeira	Floresta Ombrófila Densa	Planaltos em Morfoestruturas de Intrusões ou com Coberturas Residuais em Plataforma
Zona Marinha	Refúgio ecológico (Campos de Altitude)	Planície do rio Amazonas
Ecótono Caatinga - Amazônia	Savana (Cerrado)	Planícies e Tabuleiros Costeiros
Ecótono Cerrado - Amazônia	Savana Estépica (Caatinga, Campos de Roraima.	Outros
Ecótono Cerrado - Caatinga	Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária) Estepe	
	(Campos Gerais	

Grau de Susceptibilidade à Desertificação	Estado	de Conservação do ambiente
Muito Alto	1e 2	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento ruim
Alto	3	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento bom
Moderado A	4 e 5	Pressão Antrópica muito alta e saneamento ruim
Moderado B	6	Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom
Área de Proteção Especial	7 e 8	Pressão Antrópica alta e saneamento ruim
Alegrete	9	Pressão Antrópica alta e saneamento bom
Jalapão	10 e 11	Pressão Antrópica média e saneamento ruim
Microrregiões Afetadas pela Desertificação	12	Pressão Antrópica média e saneamento bom
Muito Grave	13 e 14	Pressão Antrópica baixa e saneamento ruim
Grave	15	Pressão Antrópica baixa e saneamento bom
Moderada		
Núcleo de Desertificação		

Efeito do Projeto Ambien		
Positivo	Negativo	
*	Atenção Especial para o Saneamento	

grau de viabilidade ambiental <i>stricto</i> <i>sensu</i>	
necessita estudo ambiental detalhado	
aceito com restrições pequenas	
aceito com restrições médias	
aceito com restrições grandes	

estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental
Alta	Plena
Média	Parcial
Baixa	'

								Áreas	e Uso Especial				Áreas Frágeis	Área de In		do	Ambiente		Pa	cias Hidrográfic	25						Licono	ciamento															
Projeto	F1	ixo	Bioma	Ecossistema	Unidade de	Unidades de	Conservação			Áreas Prioritárias			Áreas Prioritárias De			Áreas Prioritárias D			Áreas Prioritárias De			Áreas Prioritárias D			Áreas Prioritárias D			Desertificação	Proj	jeto		Ambiente		Ба	cias riurograno	as						Liceric	amento
Projeto	Eli	ixo	ыота	Ecossistema	Relevo	proteção integral	uso sustentável	Terras Indígenas	extremamente alta	muito alta	alta	insuficient e conhecida	susceptibilida	rural	urban	estado de conservação sem o projeto	efeitos no meio sócio-econômico	efeitos no meio bio- físico	bacia/sub- bacia	Focos relevantes de poluição e contaminação das águas	conflito de	grau de viabilidade ambiental stricto sensu	condição de operação	medidas	estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental	Federal	Estadual															
UHE OUARTEI II, rio Paraúna (Gouveia MG) 90 M	Rede S	Sudeste	Mata Atlântica	Fioresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos Arqueados						Vale Jequitinho nha 25 km			x		Pressão Antrópica média e saneamento ruim	possiblidade de perda de áreas agrículas/núcleos residenciais	mudança no regime hidráulico do rio Paraúna de lotico para tenteco provocando alterações na qualidade da água com reflexos na fauna aquática, redução da vazão a jusante do barramento.	RH SÃO FRANCISCO, rio Paraúna, afluente do rio Cipo, afluente do rio das Velhas, afluente da margem direita do São Francisco, 30 km de Diamantina	qualidade inadequada, influenciada pela RIMBH com aita concentração demográfica, grande lançamento de cargas poluídoras e áreas com enchentes frequentes	potencial mineral e com despejo de	acelto com restrições pequenas		Realizar estudo ambiental integrado, considerando todos os aproveltamentos existentes e previstos para o rio Paraúna a ponto de minimizar os conflitos de uso do água na região. Implementar, de acordo com prioridades indicadas pela ANA, programa para uso e manejo adequado do solo, de forma a controlar a erosão, preservar os mananciais e prevenir assoreamento dos rios e inundações. Realizar programa de reposição florestal a montante, a jusante e ne entorno do reservatório. Investir em uma das Unidades de Conservação existente	média	Parcial Necessidade de investimentos em saneamento na região.		2004 - OEMA Minas Gerais															
						SIN	NIG.	TORNO									Aumento na oferta de energia elétrica.	Supressão de cobertura vegetal (mata ciliar) remanescente						no Vale do Jequitinhonha, segundo Resolução CONAMA 002/96; realizar investimento em parceria com a SEMAD. Implementar sistemas de tratamento de esgotos domésticos e industriais na Região Metropolitana de Belo Horizonte.																			

Biomas	Ecossistemas	Unidade de Relevo			
Amazônia	Áreas de Formações Pioneiras	Depressão em Bacia Sedimentar			
Caatinga	Areas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetação)	Depressões Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares			
Campos Sulinos	Campinanarana (Campinas do Rio Negro)	Depressões Esculpidas na Plataforma Amazônica			
Cerrado	Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenéticas			
Mata Atlântica	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares			
Pantanal	Floresta Ombrófila Aberta	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos Arqueados			
Zona Costeira	Floresta Ombrófila Densa	Planaltos em Morfoestruturas de Intrusões ou com Coberturas Residuais em Plataforma			
Zona Marinha	Refúgio ecológico (Campos de Altitude)	Planície do rio Amazonas			
Ecótono Caatinga - Amazônia	Savana (Cerrado)	Planícies e Tabuleiros Costeiros			
Ecótono Cerrado - Amazônia	Savana Estépica (Caatinga, Campos de Roraima, Chaco Sul-Matogrossense e Barra do Rio Quarai)	Outros			
Ecótono Cerrado -Caatinga	Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária)				
	Estepe (Campos Gerais Planálticos e Campanha Gaúcha)				

Grau de Sus	ceptibilidade à D	esertificação	Estado o	de Conservação do ambiente
	Muito Alto		1e 2	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento ruim
	Alto		3	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento bom
	Moderado A		4 e 5	Pressão Antrópica muito alta e saneamento ruim
	Moderado B		6	Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom
	Área de Proteção Especial		7 e 8	Pressão Antrópica alta e saneamento ruim
	Alegrete		9	Pressão Antrópica alta e saneamento bom
	Jalapão		10 e 11	Pressão Antrópica média e saneamento ruim
Microrregió es Afetadas pela Desertificaç ão			12	Pressão Antrópica média e saneamento bom
	Muito Grave		13 e 14	Pressão Antrópica baixa e saneamento ruim
	Grave		15	Pressão Antrópica baixa e saneamento bom
	Moderada			
*****	Núcleo de Desertificação			



grau de viabilidade ambiental stricto sensu
necessita estudo ambiental detalhado
aceito com restrições pequenas
aceito com restrições médias
aceito com restrições grandes

estimativa \$ da participação dos ogramas Ambientais	grau de viabilidade ambiental
Alta	Plena
Média	Parcial
Baixa	'

							Áreas d	e Uso Especial				Áreas Frágeis	Área de Ir	nserção do		Ambiente		R	acias Hidrográfic	as						Licenci	amento
				Unidade de	Unidades	de Conservação			Áreas Priorit	árias		Desertificação	Pro	jeto		7 II II DIGITIC			aoido i nai ograni	<b>u</b> 5						2.001101	amonto
Projet	Eixo	Bioma	Ecossistem	a Relevo	proteção integral	uso sustentáve	Terras Indígenas I	extremamente alta	muito alta	alta	insuficien te conhecida	susceptibilida	rural	urbana	estado de conservação sem o projeto	efeitos no meio sócio-econômico	efeitos no meio bio- físico	bacia/sub- bacia	Focos relevantes de poluição e contaminação das áquas	conflito de uso	grau de viabilidade ambiental stricto sensu	condição de operação	medidas	estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental	Federal	Estadual
UHE ROCHEST II rio CL (Jataí-C- 70 MV	Tocantins	Cerrado	Áreas de Ten Ecológica (Con entre Tipos ( Vegetação)	ato Morfoestruturas				Parque Nacional da Emas e Alto Araguaia (U.C. + Manejo) 120km					x		Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom	possiblidade de perda de áreas agrículas/nucleos residenciais Aumento na oferta de energia elétrica	mudança no regime nidráulico do rio Claro de lotico para lentico provocando alterações na qualidade da água com reflexos na fauna aquática, redução da jusante do barramento. Supressão de cobertura vegetal (mata ciliar) remanescente.	RH do Paraná, rio Claro, na margem esquerda do ri Para naíba	Ausência	Conflito entre transporte fluvil na hidrovia Tietè- Paranà e geração de energia por meio de hidrelétricas	aceito com restrições pequenas		Realizar estudo ambiental integrado, considerando todo os aproveitamentos existente e previstos, principalmente todos os projetos de hidreletricas, para o rio Claro ponto de minimizar os confliti de uso da água na região a jusante do empreendimento. Implementar, de acordo com prioridades indicadas pela ANA, programa para uso e manejo adequado do solo, de forma a ontrolar a erosão, preservar os mananciates e prevenir assoreamento dos rios e inundações. Necessidade consolidar, segunda a ANA, o equacionamento de conflitos entre a manutenção de volumes mínimos de água para permitir o transporte fluvial pela hidrovia Tiete-Paraná e as regras operacionais das hidrelétricas Realizar programa de reposição florestal a montante a jusante e no entorno do reservatório.	a s s baixa	Plena atenção para possíveis interferências na hidrovia Tiete- Parana e e necessidade de estudo ambiental integrado realizado e aprovado.		2004 - OEMA Golás
		•		•	SI	M NÂ	O ENTORNO	<u> </u>		•																	

Biomas	Ecossistemas	Unidade de Relevo
Amazônia	Áreas de Formações Pioneiras	Depressão em Bacia Sedimentar
Caatinga	Areas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetação)	Depressões Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares
Campos Sulinos	Campinanarana (Campinas do Rio Negro)	Depressões Esculpidas na Plataforma Amazônica
Cerrado	Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenéticas
Mata Atlântica	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares
Pantanal	Floresta Ombrófila Aberta	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos Arqueados
Zona Costeira	Floresta Ombrófila Densa	Planaltos em Morfoestruturas de Intrusões ou com Coberturas Residuais em Plataforma
Zona Marinha	Refúgio ecológico (Campos de Altitude)	Planície do rio Amazonas
Ecótono Caatinga - Amazônia	Savana (Cerrado)	Planícies e Tabuleiros Costeiros
Ecótono Cerrado - Amazônia	Savana Estépica (Caatinga, Campos de Roraima, Chaco Sul-Matogrossense e Barra do Rio Quarai)	Outros
Ecótono Cerrado -Caatinga	Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária)	
	Estepe (Campos Gerais Planálticos e Campanha Gaúcha)	

Grau de Susceptibilidade à Desertificação	Estado o	de Conservação do ambiente
Muito Alto	1e 2	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento ruim
Alto	3	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento bom
Moderado A	4 e 5	Pressão Antrópica muito alta e saneamento ruim
Moderado B	6	Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom
Área de Proteção Especial	7 e 8	Pressão Antrópica alta e saneamento ruim
Alegrete	9	Pressão Antrópica alta e saneamento bom
Jalapão	10 e 11	Pressão Antrópica média e saneamento ruim
Microrregiões Afetadas pela Desertificaç	12	Pressão Antrópica média e saneamento bom
Muito Grave	13 e 14	Pressão Antrópica baixa e saneamento ruim
Grave	15	Pressão Antrópica baixa e saneamento bom
Moderada		
Núcleo de Desertificação		



estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental
Alta	Plena
Média	Parcial
Baixa	'

							Áreas	de Uso Espe	cial			Áreas Frágeis	Área de Ins Proje			Ambiente		Ba	acias Hidrográfi	cas						Licenc	iamento
			_		Unidade de	Unidades Conserva			Áreas Prior	itárias		Desertificação	Proje	eto													
Projeto	Eixo	Bioma	a Ecos	ssistema	Relevo		Terras ndígenas	extremamen te alta	muito alta		insuficien te conhecid a	ocorência / susceptibilida de	rural	urbana	estado de conservação sem o projeto	efeitos no meio sócio-econômico	efeitos no meio bio- físico	bacia/sub- bacia	Focos relevantes de poluição e contaminaçã o das águas	conflito de uso	grau de viabilidade ambiental stricto sensu	condição de operação	medidas	estimativa \$ da participação dos Programas	grau de viabilidade ambiental	Federal	Estadual
UHE TUPIRATINS rio Tocantins (Tupiratins - Itapiratins - TO) 1000MM		- Cerrado	Savar (Cerra	na E ado) E	Depressoes Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares		Kraolândia 44km	Poligono das Águas - Sudoeste do Maranhão ( Criação de UC) 40km					x		Pressão Antrópica baixa e saneamento ruim	possiblidade de perda de áreas agrículas/fucleos residenciais	mudança no regime hidráulico do rio Tocantins de lótico para lentico provocando alterações na qualidade da água com reflexos na fauna aquática, redução da vazão a jusante do barramento. Supressão de cobertrura vegetal (mata ciliar) remanescente. O empreendimento será inserido, segundo a ANA, em área com extrema necessidade de recuperação das matas ciliares do rio Tocantins.		Ausència	Ausência	aceito com restrições médias		Elaborar estudo de pré-viabilidade ambiental do empreendimento. Realizar estudo ambiental integrado, considerando todos os aproveitamentos existentes e previstos para o rio Tocantins a ponto de minimizar os confiltos de uso da água na região, compatibilizando a conservação ambiental aos usos multiplos dos recursos hidricos, para implementar, de acordo com ações prioritárias indicadas pela ANA, programa para uso e manejo adequado do solo e controle de erosão e de assoreamento dos rios. Realizar programa de reposição florestal a jusante, montante e no entorno do una Unidade de Conservação na Área Prioritéria para a Conservação holigono dos Aquas-Sudeste do Poligono das Aquas-Sudeste do	média	parcial		2003 - OEMA - TO
							ORNO									Aumento na oferta de energia elétrica											

Biomas	Ecossistemas	Jnidade de Relevo
Amazônia	Áreas de Formações Pioneiras	Depressão em Bacia Sedimentar
Caatinga	Areas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de	Depressões Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares
Campos Su	Campinanarana (Campinas do Rio Negro)	Depressões Esculpidas na Plataforma Amazônica
Cerrado	Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenéticas
Mata Atlänt	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares
Pantanal	Floresta Ombrófila Aberta	Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos
Zona Coste	Floresta Ombrófila Densa	Planaitos em Morfoestruturas de Intrusões ou com Coberturas Residuais em Plataforma
Zona Marin	Refúgio ecológico (Campos de Altitude)	Planície do rio Amazonas
Ecótono Caatinga - Amazônia	Savana (Cerrado)	Planícies e Tabuleiros Costeiros
Ecótono Cerrado - Amazônia	Savana Estépica (Caatinga, Campos de Roraima, Chaco Sul-	Outros
Ecótono Cerrado - Caatinga	Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária)	
	Estepe (Campos Gerais Planálticos e Campanha	

Grau de Susceptibilidade à Desertificaçã	Estado o	de Conservação do ambiente
Muito Alto	1e 2	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento ruim
Alto	3	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento bom
Moderado A	4 e 5	Pressão Antrópica muito alta e saneamento ruim
Moderado B	6	Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom
Área de Proteção Especial	7 e 8	Pressão Antrópica alta e saneamento ruim
Alegrete	9	Pressão Antrópica alta e saneamento bom
Jalapão	10 e 11	Pressão Antrópica média e saneamento ruim
Microrregiões Afetadas pela Desertificaç	<b>ā</b> 12	Pressão Antrópica média e saneamento bom
Muito Grave	13 e 14	Pressão Antrópica baixa e saneamento ruim
Grave	15	Pressão Antrópica baixa e saneamento bom
Moderada		
Núcleo de Desertificação		



grau de viabilidade ambiental stricto sensu
necessita estudo ambiental detalhado
aceito com restrições pequenas
aceito com restrições médias
aceito com restrições grandes

estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental
Alta	Plena
Média	Parcial
Baixa	'

							Áreas de	Uso Especial			Áreas Fr	ágeis Área d	le Inserçã	ão do	Ambiente		Ra	cias Hidrográficas							
Duration .	Elm	Blown	F	Unidade de	Unidades de	Conservação			Áreas Priorita	árias	Desertif		Projeto		Ambiente		David Services	sias i narogranicas						Licencia	mento
Projeto	Eixo	Bioma	Ecossistema	Relevo	proteção integral	uso sustentável	Terras Indígenas	extremamente alta	muito alta		suficiente ocorên onhecida susceptib		al urb	estado de conservação sem o projeto	efeitos no meio sócio-econômico	efeitos no meio bio- físico	bacia/sub- bacia	Focos relevantes de poluição e conflito de contaminação uso das águas	grau de viabilidade ambiental <i>stricto</i> <i>sensu</i>	condição de operação	medidas	estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental	Federal	Estadual
UHE SERRA DOS CAVALINHOS rio das Antas (São Francisco de Paula, Monte Alegre dos Campos e Bom Jesus) 45 MW	Sul	Mata Atlântica	Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares				Grande Região dos Aparados da Serra	Rio Pelotas - São Mateus - Entorno de Aparados da Serra			×		Pressão Antrópica alta e saneamento bom (S-Fco) e Pressão Antrópica média e saneamento rulm (Bom Jesus)	possiblidade de perda de áreas agrículas/núcleos residenciais		RH Costeira do Sul, rio das Antas, afluente margem esquerda do rio Gualba	empreendimento efluentes	aceito com restrições médias		Realizar estudo ambiental integrado, considerando todos os aproveitamentos existentes e previstos para o rio Claro e rio Guaiba a ponto de enquadrar o empreendimento ao ao Projeto Guaiba, de recuperação da bacia di rio Guaiba. Implementar, de acord com prioridades indicadas pela ANA, programa para uso e manejo adequado do solo, de forma a controlar a erosão, preservar os manancia e prevenir assoreamento dos rios Realizar programa de reposição florestal a montante, a jusante e no entorno do reservatório. Investir nas Areas Prioritárias para a Conservação de Biodiversidade Grande Região dos Aparados d Serra e Rio Pelotas-Sa Mateus-Entorno de	alta	Parcial Necessidade de compatibilidade de empreendimento ao Projeto Guaiba, de recuperação da bacia do rio Guaiba.		2004 - OEMA RS
					SIN	1 NÃO	ENTORNO								-										

Biomas	Ecossistemas	Unidade de Relevo
Amazônia	Áreas de Formações Pioneiras	Depressão em Bacia Sedimentar
Caatinga	Areas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetação)	Depressões Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares
Campos Sulinos	Campinanarana (Campinas do Rio Negro)	Depressões Esculpidas na Plataforma Amazônica
Cerrado	Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenéticas
Mata Atlântica	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares
Pantanal	Floresta Ombrófila Aberta	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos Arqueados
Zona Costeira	Floresta Ombrófila Densa	Planaltos em Morfoestruturas de Intrusões ou com Coberturas Residuais em Plataforma
Zona Marinha	Refúgio ecológico (Campos de Altitude)	Planície do rio Amazonas
Ecótono Caatinga - Amazônia	Savana (Cerrado)	Planícies e Tabuleiros Costeiros
Ecótono Cerrado - Amazônia	Savana Estépica (Caatinga, Campos de Roraima, Chaco Sul- Matogrossense e Barra do Rio Quarai)	Outros
Ecótono Cerrado - Caatinga	Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária)	
	Estepe (Campos Gerais Planálticos e Campanha Gaúcha)	

Grau de Susceptibilidade à Desertificação	Estado	de Conservação do ambiente
Muito Alto	1e 2	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento ruim
Alto	3	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento bom
Moderado A	4 e 5	Pressão Antrópica muito alta e saneamento ruim
Moderado B	6	Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom
Área de Proteção Especial	7 e 8	Pressão Antrópica alta e saneamento ruim
Alegrete	9	Pressão Antrópica alta e saneamento bom
Jalapão	10 e 11	Pressão Antrópica média e saneamento ruim
Microrregiões Afetadas pela Desertificação	12	Pressão Antrópica média e saneamento bom
Muito Grave	13 e 14	Pressão Antrópica baixa e saneamento ruim
Grave	15	Pressão Antrópica baixa e saneamento bom
Moderada		
Núcleo de Desertificação		



grau de viabilidade ambiental <i>stricto</i> <i>sensu</i>
necessita estudo ambiental detalhado
aceito com restrições pequenas
aceito com restrições médias
aceito com restrições grandes

grau de viabilidade ambiental
Plena
Parcial
'

						Áreas de Uso Especi				s de Uso Especial Áre		Áreas Frágeis	Area de Irise			Ambiente		Pag	ias Hidrográficas						Licencia	monto
				Unidade de	Unidades de	Conservação	servação Áreas Prioritárias Desert		Desertificação					bacias murugi aricas												
Projeto	Eixo	Bioma	Ecossistema	Relevo	proteção integral	uso sustentável	Terras Indígenas	extremamente alta	muito alta	alta	insuficien te conhecida	susceptibilida	rural	urbana	estado de conservação sem o projeto	efeitos no meio sócio-econômico		bacia/sub- bacia	Focos relevantes de poluição e contaminaçã uso o das águas	grau de viabilidade ambiental stricto sensu	condição de operação	medidas	estimativa \$ da participação dos Programas	grau de viabilidade ambiental	Federal	Estadual
UHE TUCANO 158, rio Verde (Serranópol is e Itarumã GO) 157 MW	entre Sudoeste e Araguaia- Tocantins	Cerrado		Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares											Serranópolis - Pressão Antropica muito alta e saneamento ruim e Itarumă - Pressão Antrópica média e saneamento ruim	possiblidade de perda de áreas agrículas/núcleos residenciais	mudança no regime hidráulico do rio Verde de lotico para lentico provocando alterações na qualidade da água com reflexos na fauna aquatica, redução da vazao a jusante do barramento. Supressão de cobertura vegetal (mata ciliar) remanescente.	RH do Paraná, rio Verde, afluente da margem direita do rio Paranaiba, 200 km a montante	geração de energia por	aceito com restrições médias		Realizar estudo ambiental integrado, considerando todos os aproveitamentos existentes e previstos, principalmente todos os projetos de hidrelétricas, para o rio Verde a ponto de minimizar os confilios de uso da água na região a jusante do empreendimento.	média	Plena atenção para possíveis interferências na hidrovia Tiete- Paraná e necessidade de estudo ambiental integrado realizado e aprovado.		2004 - OEMA Golás
																Aumento na oferta de energia elétrica						Implementar, de acordo com prioridades indicadas pela ANA programa para uso e manejo adequado do solo, de forma a ontrolar a erosão, preservar os mananciais e prevenir assoreamento dos rios e inundações. Necessidade consolidar, segunda a ANA, o equacionamento de conflitos entre a manutenção de volumes mínimos de água para permitir o transporte fluvial pela hidrovia Tietê-Parana e as regras operacionais das hidrelétricas. Realizar program de reposição florestal a montante, a jusante e no entorno do reservatório.				
	l l		1	ı	SIN	não	ENTORNO	1		1			1		ı	1	ı		1	1		1	1	1		

Biomas	Ecossistemas	Unidade de Relevo					
Amazônia	Áreas de Formações Pioneiras	Depressão em Bacia Sedimentar					
Caatinga	Areas de Tensão Depressões Ecológica (Contato entre Tipos de de Bacias Vegetação) Sedimentares						
Campos Sulinos	Campinanarana (Campinas do Rio Negro)	Depressões Esculpidas na Plataforma Amazônica					
Cerrado	Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenéticas					
Mata Atlântica	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares					
Pantanal	Floresta Ombrófila Aberta	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos Arqueados					
Zona Costeira	Floresta Ombrófila Densa	Pianaitos em Morfoestruturas de Intrusões ou com Coberturas Residuais em Plataforma					
Zona Marinha	Refúgio ecológico (Campos de Altitude)	Planície do rio Amazonas					
Ecótono Caatinga - Amazônia	Savana (Cerrado)	Planícies e Tabuleiros Costeiros					
Ecótono Cerrado - Amazônia	Savana Estépica (Caatinga, Campos de Roraima, Chaco Sul-Matogrossense e Barra do Rio Ouarai)	Outros					
Ecótono Cerrado -Caatinga	Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária)						
	Estepe (Campos Gerais Planálticos e Campanha Gaúcha)						

irau de Su	sceptibilidade à Desertificação	Estado	de Conservação do ambiente
	Muito Alto	1e 2	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento ruim
	Alto	3	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento bom
	Moderado A	4 e 5	Pressão Antrópica muito alta e saneamento ruim
	Moderado B	6	Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom
Área	ı de Proteção Especial	7 e 8	Pressão Antrópica alta e saneamento ruim
	Alegrete	9	Pressão Antrópica alta e saneamento bom
	Jalapão	10 e 11	Pressão Antrópica média e saneamento ruim
Microrregió	ies Afetadas pela Desertificaçã	12	Pressão Antrópica média e saneamento bom
	Muito Grave	13 e 14	Pressão Antrópica baixa e saneamento ruim
	Grave	15	Pressão Antrópica baixa e saneamento bom
	Moderada		
	Núcleo de Desertificação		



grau de viabilidade ambiental <i>stricto</i> <i>sensu</i>
necessita estudo ambiental detalhado
aceito com restrições pequenas
aceito com restrições médias
aceito com restrições grandes

estimativa \$ da articipação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental
Alta	Plena
Média	Parcial
Baixa	'

								Áreas d	e Uso Especial	Iso Especial		Áreas Frágeis	Area de III			Ambiente			Bacias Hidrográfica	ne.						Liconci	amento	
					Unidade de	Unidades de	e Conservação			Áreas Prioritárias Dese		Desertificação Proj		eto		Ambiente		Bacias riturogranicas								Licerici	inento	
Projeto	Eixo	O E	Bioma	Ecossistema	Relevo	proteção integral	uso sustentável	Terras Indígenas	extremamente alta	muito alta	alta	insuficien te conhecida	susceptibilida	rural	urbana	estado de conservação sem o projeto	efeitos no meio sócio-econômico	efeitos no meio bio-físico	bacia/sub- bacia	Focos relevantes de poluição e contaminação das águas		grau de viabilidade ambiental stricto sensu	condição de operação	medidas	estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental	Federal	Estadual
UHE RETIRG BAIXO, rio Paraopeba (Pompeu e Felixlândia- MG) 110 MW	)		Mata Atlântica	Savana (Cerrado)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenética:	REBIO Estadual Colonia 31 de março				Três Marias- Paracatu (criação de UC)						Pompeu e Felixlândia Pressão Antrópica alta e saneamento ruim	perda de áreas	mudança no regime hidráulico do río Paraopeba de lótico para lentico provocando alterações na qualidade da água con reflexos na fauna aquática, redução da vazão a jusante do barramento. Supressão de cobertura vegetal (mata ciliar)		concentração demográfica, grando lançamento de	domésticos e industriais da			Delimitar o perímetro da Unidade de Conservação dentre da Área Prioritária para a Conservação da Biodiversidade Três Marias- Paracatu, criá-la e regularizá-la. Faze estudo locacional e	, ,	parcial Necessidade de estudo de viabilidade ambiental integrado à criação da Unidade de Conservação de Proteção Integral na Area Prioritária Três Marias- Paracatu		2004 - OEMA - MG
						SIA	n Não	ENTORNO									Aumento na oferta de energia elétrica.	remanescente. Interferência sobre a Area Prioritária para a Conservação da Biodiversiadade Três Marias- Paracatu. Região do nio São Francisco com maior susceptibilidade à erosão, podendo ser intensificada pelo empreendimento.						de compatibilização com a localização da UC criada. Implementar sistemas de tratamento de esgotos doméstico- e industriais na região.				

Biomas	Ecossistemas	Unidade de Relevo				
Amazônia	Áreas de Formações Pioneiras	Depressão em Bacia Sedimentar				
Caatinga	Áreas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetação)	Depressões Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares				
Campos Sulinos	Campinanarana (Campinas do Rio Negro)	Depressões Esculpidas na Plataforma Amazônica				
Cerrado	Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenéticas				
Mata Atlântica	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares				
Pantanal	Floresta Ombrófila Aberta	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos Arqueados				
Zona Costeira	Floresta Ombrófila Densa	Planaltos em Morfoestruturas de Intrusões ou com Coberturas Residuais em Plataforma				
Zona Marinha	Refúgio ecológico (Campos de Altitude)	Planície do rio Amazonas				
Ecótono Caatinga - Amazônia	Savana (Cerrado)	Planícies e Tabuleiros Costeiros				
Ecótono Cerrado - Amazónia	Savana Estépica (Caatinga, Campos de Roraima, Chaco Sul-	Outros				
Ecótono Cerrado - Caatinga	Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária) Estepe (Campos					
	Gerais Planálticos e Campanha					

Grau de Su	sceptibilidade à D	esertificação	Estado	de Conservação do ambiente
	Muito Alto		1e 2	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento ruim
	Alto		3	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento bom
	Moderado A		4 e 5	Pressão Antrópica muito alta e saneamento ruim
	Moderado B		6	Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom
	Área de Proteção Especial		7 e 8	Pressão Antrópica alta e saneamento ruim
	Alegrete		9	Pressão Antrópica alta e saneamento bom
	Jalapão		10 e 11	Pressão Antrópica média e saneamento ruim
Microrregiõ es Afetadas pela Desertifica cão			12	Pressão Antrópica média e saneamento bom
	Muito Grave		13 e 14	Pressão Antrópica baixa e saneamento ruim
	Grave		15	Pressão Antrópica baixa e saneamento bom
	Moderada			
	Núcleo de Desertificação			



grau de viabilidade ambiental stricto sensu
necessita estudo ambiental detalhado
aceito com restrições pequenas
aceito com restrições médias
aceito com restrições grandes

estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental
Alta	Plena
Média	Parcial
Baixa	
	•

								Áreas d	le Uso Especial			Áreas Frágeis	Area de Ins			Ambiente		F	acias Hidrográficas						Licen	ciamento
					Unidade de	Unidades de	Conservação			Áreas Priorita	árias	Desertificação	Proj	eto												
Projeto	Eixo		Bioma	Ecossistema	Relevo	proteção integral	uso sustentável	Terras Indígenas	extremamente alta	muito alta	alta	ocorência / susceptibilida de	rural	urbana	estado de conservação sen o projeto	efeitos no meio sócio-econômico		bacia/sub- bacia	Focos relevantes de poluição e contaminação das águas		ade condição de tal operação	medidas	estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais		Federal	Estadual
UHE BOCAINA (Davinopol GO e Abadd dos Dourados MG) 160 MW	s Sudeste/A a uaia- Tocantir	Arag	Cerrado	Savana (Cerrado)	Planalitos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos Arqueados								x		Davinópolis - 11 e Abadia dos Dourado - 8		mudança no regime hidraulico do rio Paranalba de lótico para lentico provocando alterações na qualidade da água com reflexos na fauna aquática, redução da vazão a jusante do barramento. Supressão de cobertura vegetal (mata ciliar) remanescente.	RH PARANA, ric Paranaiba, afluente margem esquerda do ric Paraná, 40 km montante da Represa Emborcação	Endentes domesticos abactaci	ão e aceito com mento restrições m	tidias	Necessidade de consolidar, segunda a ANA, o equacionamento de conflitos entre a manutenção de volumes mínimos de água para permitir o transporte fluvial pela hidrovia Tiete-Parana e a regras operacionais das hidrelétricas. Realizar estudo ambiental integrado, considerando todos os aproveitamentos existentes e previstos, principalmente todo os projetos de hidrelétricas,	s	plena		2004 - OEMA Golás
						SIM	NÃO,	ENTORNO								Aumento na oferta de energia elétrica.						para o río Paranalba a ponto de uso da água na reglão. Implementar, de acordo com prioridades indicadas pela ANA programa para uso e manejo adequado do solo, de forma ontrolar a erosão, preservor a comananciais e prevenir assoreamento dos ríos. Realizar programa de reposição florestal a montante, a jusante e no entorno do reservatório.				

Biomas	Ecossistemas	Unidade de Relevo
Amazônia	Áreas de Formações Pioneiras	Depressão em Bacia Sedimentar
Caatinga	Áreas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetação)	Depressões Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares
Campos Sulinos	Campinanarana (Campinas do Rio Negro)	Depressões Esculpidas na Plataforma Amazônica
Cerrado	Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenéticas
Mata Atlântica	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares
Pantanal	Floresta Ombrófila Aberta	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos Arqueados
Zona Costeira	Floresta Ombrófila Densa	Planaltos em Morfoestruturas de Intrusões ou com Coberturas Residuais em Plataforma
Zona Marinha	Refúgio ecológico (Campos de Altitude)	Planície do rio Amazonas
Ecótono Caatinga - Amazônia	Savana (Cerrado)	Planícies e Tabuleiros Costeiros
Ecótono Cerrado - Amazônia	Savana Estépica (Caatinga, Campos de Roraima, Chaco Sul-Matogrossense e Barra do Rio Quarai)	Outros
Ecótono Cerrado -Caatinga	Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária)	
	Estepe (Campos Gerais Planálticos e Campanha Gaúcha)	

Grau de Su	sceptibilidade à D	esertificação	Estado	de Conservação do ambiente
	Muito Alto		1e 2	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento ruim
	Alto		3	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento bom
	Moderado A		4 e 5	Pressão Antrópica muito alta e saneamento ruim
	Moderado B		6	Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom
	Área de Proteção Especial		7 e 8	Pressão Antrópica alta e saneamento ruim
	Alegrete		9	Pressão Antrópica alta e saneamento bom
	Jalapão		10 e 11	Pressão Antrópica média e saneamento ruim
Microrregi ões Afetadas pela Desertifica cão			12	Pressão Antrópica média e saneamento bom
	Muito Grave		13 e 14	Pressão Antrópica baixa e saneamento ruim
	Grave		15	Pressão Antrópica baixa e saneamento bom
	Moderada			
	Núcleo de Desertificação			



grau de viabilidade ambiental <i>stricto</i> <i>sensu</i>
necessita estudo ambiental detalhado
aceito com restrições pequenas
aceito com restrições médias
aceito com restrições grandes

estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental
Alta	Plena
Média	Parcial
Baixa	'

							Áreas de	e Uso Especial				Áreas Frágeis	Area de In		,	Ambiente		Ва	cias Hidrográfic	as						Licenc	iamento
				Unidade de	Unidades de	Conservação			Áreas Priorita	árias		Desertificação	Proj	jeto													
Projeto	Eixo	Bioma	Ecossistema	Relevo	proteção integral	uso sustentável	Terras Indígenas	extremamente alta	muito alta		insuficien te conhecida	ocorência / susceptibilida de	rural	urbana	estado de conservação sem o projeto	efeitos no meio sócio-econômico	efeitos no meio bio- físico	bacia/sub- bacia	Focos relevantes de poluição e contaminação das águas	conflito de uso	grau de viabilidade ambiental stricto sensu	condição de operação	medidas	estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental	Federal	Estadual
UHE SÃO MIGUEL, ric Grande (Itutinga e Nazareno- MG) 61 MW	Rede Sudeste	Mata Atlântica	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifolia)	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos									x		Itutinga e Nazareno Pressão Antropica muito alta e saneamento ruim	possiblidade de perda de áreas agrículas/núcleos	mudança no regime hidraulico de rio Grande de lotico para lentico provocando alterações na qualidade da água com reflexos na quatica, redução da vazão a jusante do barramento. Supressão de	RH PARANÁ, rio Grande, afluente margem esquerda do rio Paraná, 15 km e Jusante da Represa Camargo (UHE Itutinga)	Efluentes	Conflito entre irrigação e abastecimento humano. Região de bacias com disponibilidad e hidrica limitada.	aceito com restrições médias		Realizar estudo ambiental integrado, considerando todos os aproveitamentos existentes e previstos para o rio Grande a ponto de minimizar os conflitos de uso da água na região e não prejudicar os manancialis de abastecimento humano. Implementar, de acordo com prioridades indicadas pela ANA, Programa para uso e manejo adequado do solo, de forma a controla errosão, preseivar os mananciais e prevenir assoreamento dos rio essoreamento dos foi essoreamento dos foi essoreamento dos foi essoreamento dos foi especial programa e controla essoreamento dos foi essoreamento des foi essoreamento dos foi essoreamento dos foi essoreamento de essoreamento de essoreamento dos foi essoreamento de essoreamento dos foi essoreamento de essoreamento dos foi essoreamento de e	média	★		2004 - OEMA Minas Gerais
				Núcleos Cristalinos Arqueados												Aumento na oferta de energia elétrica.	cobertura vegetal (mata ciliar) remanescente	a >.					Realizar programa de reposição florestal a montante, a jusante e no entorno do reservatório. Implementar sistemas de tratamento de esgotos domésticos na região.				

Biomas	Ecossistemas	Unidade de Relevo				
Amazônia	Áreas de Formações Pioneiras	Depressão em Bacia Sedimentar				
Caatinga	Areas de Tensão Ecológica (Contato entre Tipos de Vegetação)	Depressões Esculpidas em Borda de Bacias Sedimentares				
Campos Sulinos	Campinanarana (Campinas do Rio Negro)	Depressões Esculpidas na Plataforma Amazônica				
Cerrado	Floresta Estacional Decidual (Mata Caducifólia)	Depressões Esculpidas nas faixas Orogenéticas				
Mata Atlântica	Floresta Estacional Semidecidual (Mata Semicaducifólia)	Planaltos em Morfoestruturas de Bacias Sedimentares				
Pantanal	Floresta Ombrófila Aberta	Planaltos em Morfoestruturas de Cinturões Orogenéticos e Núcleos Cristalinos Arqueados				
Zona Costeira	Floresta Ombrófila Densa	Planaltos em Morfoestruturas de Intrusões ou com Coberturas Residuais em Plataforma				
Zona Marinha	Refúgio ecológico (Campos de Altitude)	Planície do rio Amazonas				
Ecótono Caatinga - Amazónia	Savana (Cerrado)	Planícies e Tabuleiros Costeiros				
Ecótono Cerrado - Amazônia	Savana Estépica (Caatinga, Campos de Roraima, Chaco Sul-Matogrossense e Barra do Rio Ouarai)	Outros				
Ecótono Cerrado -Caatinga	Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária)					
	Estepe (Campos Gerais Planálticos e Campanha Gaúcha)					

Grau de Susceptibilida Desertificação	de à	Estado	de Conservação do ambiente
Muito Alto		1e 2	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento ruim
Alto		3	Pressão Antrópica extremamente alta e saneamento bom
Moderado A		4 e 5	Pressão Antrópica muito alta e saneamento ruim
Moderado B		6	Pressão Antrópica muito alta e saneamento bom
Área de Proteção Especial		7 e 8	Pressão Antrópica alta e saneamento ruim
Alegrete		9	Pressão Antrópica alta e saneamento bom
Jalapão		10 e 11	Pressão Antrópica média e saneamento ruim
Microrregi ões Afetadas pela Desertifica cão		12	Pressão Antrópica média e saneamento bom
Muito Grave		13 e 14	Pressão Antrópica baixa e saneamento ruim
Grave		15	Pressão Antrópica baixa e saneamento bom
Moderada			
Núcleo de Desertificação			



grau de viabilidade ambiental <i>stricto</i> <i>sensu</i>
necessita estudo ambiental detalhado
aceito com restrições pequenas
aceito com restrições médias
aceito com restrições grandes

estimativa \$ da participação dos Programas Ambientais	grau de viabilidade ambiental
Alta	Plena
Média	Parcial
Baixa	'

SIM NÃO ENTORNO